

O senhor Münster dormia na sala de estar. Todas as noites lhe preparavam a cama no sofá, mas o sofá era de couro e o colchão deslizava sobre a superfície lisa, caía muito devagar até ao chão. Mais do que uma vez o senhor Münster tinha acordado no chão, com a cabeça debaixo do colchão. Desde que dormia na sala de estar, o senhor Münster sonhava todas as noites que caía. O sono do senhor Münster era uma luta mole e desesperada para se agarrar à ombreira de uma porta que abria para o vazio, e enquanto ele procurava tirar o melhor partido daqueles seus membros descarnados e finos, pensava na absurda crueldade de uma porta que abre sobre o vazio, quando todas as portas deve-

riam, pelo contrário, abrir para lugares confortáveis e seguros. Por fim a ruptura tão temida acontecia e o senhor Münster começava a descer planando a interminável espiral do vazio. Que surpresa, porém! A terrível ruptura não chegava como o mal supremo, mas como a suprema libertação. Depois, também a surpresa naufragava naquele mar de delícias e o senhor Münster sentia quão doce é a morte.

Que razões haviam determinado o senhor Münster a dormir na sala de estar? Erda decidira levar a pequena Erica para a sua cama, porque a menina sofria de terrores nocturnos¹ e de noite despertava sobressaltada, chorando e chamando pela mãe. E assim, o senhor Münster continuou a afastar-se pacificamente e sem conflitos da sua mulher, como se afastar-se da sua mulher fosse o verdadeiro destino de um marido.

Por que é que se tinham casado?

«Porque Erda vivia no centro».

Esta explicação o senhor Münster teve-a como uma revelação, numa suave tarde de Outono, nas margens do lago Maior, após dez anos de casamento, e quando a pequena

¹ É, contudo, possível que os terrores nocturnos não perturbassem a pequena Erica mas a própria senhora Münster e não fossem de carácter metafísico mas físico. A mulher aspira ao seu estado de virgem como a um paraíso perdido, e depois do matrimónio e da maternidade renascem nela as suas obscuras repugnâncias, os seus terrores de menina.

Erica, fruto desse casamento, tinha já oito anos e frequentava a terceira classe. O senhor Münster percebia tudo mas com algum atraso, o seu presente era como um campo de batalha sobre o qual restam apenas os cadáveres.

Segundo Erda, a explicação do senhor Münster «aviltava» a sua união, rasgava o véu «azul» que envolve o casamento, como no balcão do salsicheiro a gaze envolve as mortadelas. Até aos trinta anos Erda considerara a vida como uma espécie de fábula viva, e a sua mórbida moral dividia o mundo em «coisas bonitas» e «coisas feias». O casamento era uma «coisa bonita», mas a consumação do casamento era uma «coisa feia». De resto, não é o espectro do mal sempre o pano de fundo dos terrores das raparigas?

«Mas é a verdade», respondia o senhor Münster, passeando em redor aquele seu olhar de grandes bolas negras por trás das lentes, que, tal como o olhar dos primitivos deuses da Grécia, não se sabia se olhava em todas as direcções ao mesmo tempo ou em nenhuma. «Mas que grande verdade!», respondia com voz azeda Erna, a irmã mais velha de Erda, que, menos dúctil de mente e ignorante na arte de considerar o reverso dos pensamentos, tomava tudo a peito e cada palavra à letra. E como Erna era filodramática por temperamento e sofria de uma forte afectação de pronúncia, pronunciava «verdaaaa-

de» com voz arrastada e inflexões de clarinete em registo baixo.

Erda e a sua família viviam numa das ruas mais estreitas mas também mais centrais de Lausanne: a *rue des Crucifaires*, mais tarde devorada pelas vorazes fauces do plano de urbanização. A família era composta pelas três irmãs Erda, Erna e Runa, e pela mãe Genoveffa Pfeifer, viúva de Morel. Esta, de um quartinho agonizante que dava para um pátio sórdido, onde ela consumava os dias remendando soutiens e conseguindo tirar partido dos trapos mais velhos e gastos, vigiava as suas filhinhas com a atenção suspeitosa de uma galinha choca para com os seus pintainhos. A vigilância exercida pela viúva Morel não era tópica mas à distância, porque ela pensava sabiamente que uma certa aparência de liberdade podia facilitar o casamento das filhas. Nisto ela imitava Pòrici, o poeta futurista e avicultor, o qual, temendo que os ladrões fossem de noite roubar-lhe as galinhas, velava do sol pôr ao amanhecer junto de uma janela da sua casa de campo, de onde, com a espingarda de dois canos entre as pernas, podia vigiar o galinheiro e ao mesmo tempo escrever versos em liberdade. Ainda que silenciosa, aquela tensa vigilância custava à viúva Morel canseiras superiores, e, «arrumada» uma filha, ela desmoronava numa espécie de colapso, do qual só se recompunha passado alguns dias e como de um infrutuo-

so parto.² Mas, casada uma filha, a viúva Morel abandonava-a ao seu novo destino e não pensava mais no assunto. Por que é que as mães lamentam a solidão no inverno das suas vidas? Nem sempre as folhas se desprendem do ramo, é muitas vezes o ramo que abandona as suas folhas.

Quando o senhor Münster conheceu as Morel, Rude, a irmã mais velha, conhecida desde rapariga como «os mais belos seios de Lausanne», já estava casada há alguns anos e morava em Vevey, onde o marido era médico da Casa do Povo. Erna e Erda vangloriavam-se de ter acompanhado a célebre atriz Manfreda Sude numa *tournee* de récitas à América Setentrional, mas no seu regresso à pátria tinham abandonado os palcos, não tendo encontrado companhias — pelo menos era o que asseguravam as duas irmãs — nas quais o interesse artístico prevalecesse sobre o interesse comercial. Runa, a mais nova das Morel, tinha estudado piano e era diplomada pelo conservatório de Lausanne, mas as longas sessões diante do *Ibach* de família, sob a vigilância implacável da mãe, que ao mais

² É, de resto, possível que os colapsos da senhora Pfeifer, viúva de Morel, fossem colapsos de prazer (*des pâmoisons*). Uma mãe vive tão intimamente a vida das suas filhas, que quando elas casam também a mãe passa simbolicamente do estado de menina ao estado de mulher. A repetição, embora simbólica, desta passagem torna-se ainda mais fácil se a mãe, como no caso da senhora Morel, é viúva há muitos anos e por isso convertida pela vida casta a uma espécie de segunda virgindade.